



DISCURSO & SOCIEDADE

Copyright © 2013
ISSN 1887-4606
Vol. 7(3) 447-489
www.dissoc.org

Artículo

Algumas considerações discursivas sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2010¹

*Some discursive considerations on the 2010
Brazilian presidential elections*

Roberto Leiser Baronas

Departamento de Letras

Universidade Federal de São Carlos/ Universidade Federal do Mato Grosso
(Brasil)

Resumo

Neste artigo, com base num carrefour epistemológico entre a Análise do Discurso de base enunciativa e a Semiótica Social, procuramos analisar discursivamente, por um lado, como a fala de atores políticos são destacadas pela mídia dos contextos e cotextos originais de produção e submetidas ao regime discursivo da aforização e, por outro, buscamos descrever os recursos semióticos utilizados pelos suportes midiáticos na circulação de fotografias desses atores políticos. Trabalhamos mais especificamente com a (des)textualização de pequenos enunciados e o emprego de recursos semióticos na publicação de fotografias atribuídas aos principais candidatos a Presidente da República do Brasil, nas eleições de 2010, publicados nos jornais brasileiros Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, durante as eleições presidenciais brasileiras de 2010.

Palavras-chave: Discurso, mídia, aforização, recurso semiótico, eleições presidenciais.

Abstract

In this article, based on an epistemological crossing between Discourse Analysis of enunciative basis and Social Semiotics, we seek analyse discursively, on one hand, how political actor's speech are detached by the media from their contexts and original production cotexts and submitted to the discursive regime of aforization and, on the other hand, we seek describe the semiotic resources used by media supports in the circulation of these actor's photographs. We work, more specifically, with the de(textualization) of short statements and the employment of semiotic resources in the publication of photographs assigned to the main candidates for the Presidency of Republic, in 2010 elections, published in Brazilian newspapers Folha de S. Paulo and Estado de S. Paulo, during the presidential election of 2010.

Keywords: Discourse, media, aforization, semiotic resource, presidential elections.

Primeiras palavras...

Neste trabalho, inicialmente procuramos delimitar o espaço teórico-metodológico no qual nos inscrevemos para o tratamento dos *corpora* mobilizados no estudo. Para tanto, realizamos uma breve aproximação epistemológica entre a Análise de Discurso de orientação francesa, especificamente a de base enunciativa, desenvolvida por Dominique Maingueneau (2007, 2010a, 2010b; 2011 e 2012) e a Semiótica Social, proposta por Theo Van Leeuwen (2005). Em seguida, descrevemos como os enunciados dos atores políticos são *(des)textualizados* de seus contextos e cotextos originais e submetidos ao regime discursivo da aforização. Depois, levantamos alguns dos recursos semióticos empregados na publicação das fotografias dos atores políticos, procurando compreender em que medida esse trabalho de recorte do verbal e do não-verbal, produzido pela mídia interfere na interpretação do acontecimento histórico dado em narrativa, fornecendo ao leitor uma espécie de percurso deôntico de interpretação. Como recorte temporal, elegemos o período de abril a outubro de 2010. Como suportes midiáticos, elegemos os jornais *Folha de S. Paulo* - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/> - *Estado de S. Paulo* - www.estadao.com.br - todos em suas versões *online*. Frequentamos os mais variados textos que dão em narrativa a agenda dos candidatos e os fatos políticos que marcaram a campanha presidencial brasileira.

Convém destacar que nosso objetivo, entretanto, não é apenas testar as proposições teórico-metodológicas de Maingueneau e de Van Leeuwen em dados urdidos na geografia brasileira, mas, sobretudo, a partir desses dados forjados no cadinho midiático brasileiro, realizar uma calibração das ferramentas de análise propostas por esses teóricos. Apesar de as teorizações de Maingueneau e de Van Leeuwen serem forjadas em espaços epistemológicos distintos, em nosso trabalho, essa aproximação se justifica por um lado, em razão da constituição multissemiótica dos objetos que frequentamos analiticamente e, por outro, pelo fato mesmo de ambos mostrarem como os textos (verbais e/ou não-verbais) ao sofrerem determinados destaques ou se constituírem a partir de certos recursos semióticos engendram certos enquadramentos, percursos interpretativos para os leitores.

Um pouco de teorias...

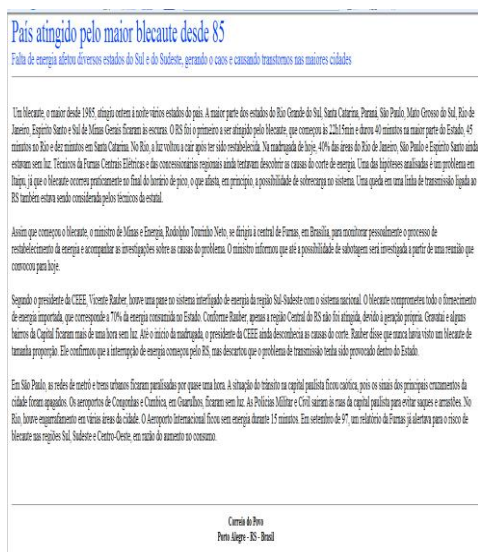
No contexto europeu atual, segundo Johannes Arguenmüller (2007), os estudos do discurso podem ser compreendidos a partir de três grandes

escolas: a francesa; a anglo-saxônica e a germânica. No caso brasileiro contemporâneo, os estudos do discurso podem ser analisados a partir das escolas francesa (tributária das reflexões de Michel Pêcheux, Michel Foucault, Greimas, Charaudeau e Maingueneau); eslava (alicerçada a partir das reflexões de Mikail Bakhtin e de seu círculo de estudos) e anglo-saxônica (constituída com base nas reflexões de Norman Fairclough, Van Dijk e Wodak).

Num rápido exame sobre os diferentes trabalhos publicados no domínio do discurso, inscritos na escola francesa de Análise do Discurso, nos últimos anos, na geografia brasileira, é possível constatar a presença de pelo menos três grandes tendências de estudos discursivos, a saber, a materialista; a historicista e a enunciativa. Embora cada uma dessas tendências tenha o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói objetos teóricos distintos, se constituindo dessa forma em programas de pesquisa² distintos.

A tendência enunciativa³ por sua vez além de buscar respaldo nas contribuições de Michel Pêcheux e de Michel Foucault alicerça-se também em Mikail Bakhtin; Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Surge na geografia francesa em meados dos anos noventa do século passado e sua principal preocupação é compreender por um lado como certas palavras que circulam na mídia podem assumir a condição de palavras-acontecimento, produzidas por uma comunidade linguageira a partir de uma formação interdiscursiva carregando consigo toda uma memória interdiscursiva e, por outro, como certos textos circulam: se inteiros, aos pedaços, em versos, em fórmulas. Ambas buscam compreender em que medida essa circulação determina o que pode e deve ser (re)dito enquanto debate no espaço público.

Os recentes trabalhos de Sophie Moirand (2007 e 2010) acerca das palavras-acontecimento na sua relação com a memória interdiscursiva, comunidade linguageira e formação interdiscursiva são ótimos exemplos de uma das visadas da tendência enunciativa. Os exemplos abaixo publicados em diferentes suportes midiáticos brasileiros nos mostram um dos possíveis funcionamentos analítico-teóricos das propostas de Sophie Moirand.



(1): Reportagem publicada no jornal Correio do Povo de Porto Alegre em 12/03/1999.



(2): Reportagem publicada na Revista Época em 18/12/2001.



(3): Reportagem publicada no site blogdolago.com em 27/09/2012.



(4): Reportagem publicada no site esportes.terra.com.br 01/10/2012.



(5): Reportagem publicada no site revistalingua.uol.com.br 02/10/2012.

Os cinco textos anteriormente elencados nos mostram um breve percurso da palavra-acontecimento “apagão”. Essa palavra irrompe nos variados suportes midiáticos brasileiros em 1999, após o blecaute ocorrido em diversos estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil. À época, o significativo blecaute disputava com apagão de forma bastante acirrada a preferência dos suportes midiáticos na interpretação dos acontecimentos que diziam a falta de energia. Em 2001, o blecaute em diversas regiões brasileiras se repete, no entanto, a mídia o interpreta como “apagão”. De lá para cá, o significativo “apagão” passou a ser a designação não só para a falta de energia, mas para os mais diferentes acontecimentos, que dizem de alguma carência, de algum problema. Como se pode observar nas manchetes anteriores, esse elemento linguístico pode significar tanto a falta de mão de obra especializada na indústria brasileira quanto a falta de iniciativa do time de futebol paraguaio Cerro Portenho na sua partida frente ao Cólón ou mesmo a dificuldade de leitura dos nossos alunos nos diferentes graus de ensino. Essa palavra “apagão” desde a sua irrupção carrega consigo um valor disfórico, algo da ordem da falta, da carência, do problema, que é (re)atualizado a cada nova textualização. Assim, ao dizer do “Apagão profissional e mão de obra assistida” ou “O apagão da leitura”, por exemplo, as matérias evocam interdiscursivamente, mesmo que de soslaio, os efeitos de sentidos disfóricos apensos ao blecaute ocorrido em 1999. Em outros termos, o elemento “apagão” em cada uma das suas (re)atualizações, em termos de

designação de novos acontecimentos discursivos, carrega consigo traços disfóricos produzidos antes, independentemente e outro lugar. Sobre os traços de um discurso que emergem em outro, constituindo novos momentos discursivos nos diz Moirand (2007, p. 04):

Um momento discursivo não é forçosamente espetacular, como foi o 11 de setembro de 2001 ou como pode ser um tremor de terra devastador. Um fato ou um evento constitui um momento discursivo quando se dá a ler numa abundante produção midiática em que alguns traços permanecem por um certo tempo em discursos produzidos ulteriormente a propósito de outros eventos. Podemos evocar ainda o “maio de 68” a propósito dos problemas da Escola francesa em 2004, ou retomar o escândalo do sangue contaminado a propósito da crise da vaca louca, ou da questão dos OGM. São esses traços discursivos que nos importam, pois eles reconstróem a superfície discursiva a propósito de outros eventos (novos momentos discursivos) e entram na roda dos discursos produzidos sendo transmitidos pelas mídias.

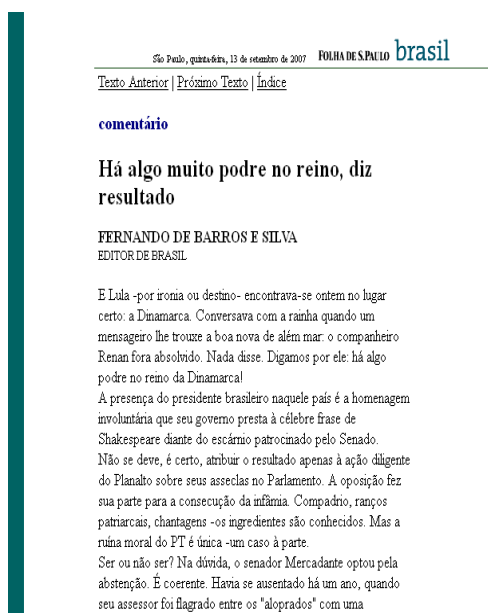
Os atuais trabalhos de Dominique Maingueneau (2007, 2010a, 2010b; 2011 e 2012) se inscrevem numa outra possibilidade de pensar a Análise de Discurso de base enunciativa e têm buscado compreender de forma acurada a circulação dos textos verbais na nossa sociedade, isto é, como certos textos circulam: inteiros, em fragmentos, adaptados, em edições originais, traduzidos. E também: por que, de um texto integral, frequentemente circulam apenas partes: estrofes, versos, finais, começos, pequenas frases, pontos culminantes.

No entendimento de Dominique Maingueneau (2011), poucas pessoas hoje em dia contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica sobre a qual se debruça o lingüista: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos. O texto é, com efeito, no entendimento do pesquisador francês, a contraparte do gênero do discurso, que é o quadro de toda a comunicação pensável. Maingueneau mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como registrar o nascimento, o debate televisivo, o sermão, entre outros.

Um problema se põe, no entanto, quando é preciso tratar de enunciados curtos que se apresentam fora do texto, geralmente constituídos de uma única frase. Dominique Maingueneau conceitua essas pequenas frases como “enunciados destacados”. Eles são de tipos muito diversos: *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres, etc. Para o estudioso francês devem-se distinguir duas classes bem diferentes, segundo o seu “destacamento”:

1) é *constitutivo*: é o caso em particular das fórmulas (provérbios, *slogans*, divisas) que por sua própria natureza são independentes de um texto particular; 2) ou *resulta da extração* de um fragmento de texto: encontra-se em uma lógica de citação.

O texto a seguir se constitui num bom exemplo do que Maingueneau considera como destacamento constitutivo:



São Paulo, quinta-feira, 13 de setembro de 2007 FOLHA DE SÃO PAULO **brasil**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

comentário

Há algo muito podre no reino, diz resultado

FERNANDO DE BARROS E SILVA
EDITOR DE BRASIL

E Lula -por ironia ou destino- encontrava-se ontem no lugar certo: a Dinamarca. Conversava com a rainha quando um mensageiro lhe trouxe a boa nova de além mar: o companheiro Renan fora absolvido. Nada disse. Digamos por ele: há algo podre no reino da Dinamarca!

A presença do presidente brasileiro naquele país é a homenagem involuntária que seu governo presta à célebre frase de Shakespeare diante do escárnio patrocinado pelo Senado. Não se deve, é certo, atribuir o resultado apenas à ação diligente do Planalto sobre seus asseclas no Parlamento. A oposição fez sua parte para a consecução da infâmia. Compadrio, ranços patriarcais, chantagens -os ingredientes são conhecidos. Mas a ruína moral do PT é única -um caso à parte.

Ser ou não ser? Na dúvida, o senador Mercadante optou pela abstenção. É coerente. Havia se ausentado há um ano, quando seu assessor foi flagrado entre os "aloprados" com uma

(6): Reportagem publicada na Folha de S.Paulo 13/09/2009.

O título do comentário de Fernando de Barros e Silva, publicado na Folha de S. Paulo em 13 de setembro de 2007 – “Há algo muito podre no reino” – faz alusão à frase shakespeariana do Hamlet – Há algo de podre no reino da Dinamarca. Todavia, dada a grande circulação deste enunciado nos mais diversos campos e suportes, essa pequena frase perdeu sua marca de autoria e se transformou numa espécie de slogan se tornando profundamente independente do texto de Willian Shakespeare.

O excerto a seguir se constitui num bom exemplo do que Maingueneau denomina destacamento que resulta de um processo de extração.



(7): Reportagem publicada no site g1.globo.com 15/08/2008.

A matéria anterior foi publicada no site de notícias G1 da Globo.com em 16 de setembro de 2008 e traz como manchete o seguinte enunciado: ‘Pergunta para o Bush’, diz Lula sobre crise americana. Esse enunciado foi retirado de um discurso proferido pelo então presidente Lula em cerimônia de inauguração da UFERSA – Universidade Federal do Semi-Árido em Mossoró no Rio Grande do Norte em setembro de 2008. Na ocasião disse Lula:

Vocês viram que a crise americana já está aí há algum tempo. A imprensa só fala nisso. Imagine, Wilma, se fosse dez anos atrás. Imagine se os Estados Unidos dessem o espírito que deram com essa crise imobiliária lá, certamente o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão em crise. A imprensa, de vez em quando, fica doida: **“Mas, presidente Lula, e a crise americana?” “Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”**. Eu tenho que cuidar do meu país para não permitir que ele seja contaminado por esta crise, e é por isso que diversificamos a nossa balança comercial. Antigamente o Brasil tinha muitas coisas com a Europa e com os Estados Unidos – e ainda queremos ter – mas hoje nós temos mais com a América do Sul e com a América Latina, temos mais com a África, com o Oriente Médio, com a Ásia. Hoje não dependemos de um ou de dois países. Hoje nós temos um fluxo de balança comercial diversificado. Além disso, o FMI não está mais aqui para dar palpite nas coisas que nós fazemos, e temos 207 bilhões de dólares de reserva, sagrados, para não permitir que este país seja vítima de especulação imobiliária ou financeira. (grifos nossos).

O enunciado em negrito deixa claro que o enunciador jornalista não somente destacou de um texto maior um (pequeno) enunciado, mas também realizou um trabalho de interpretação desse enunciado, como se pode ver

comparando as duas versões: segundo o jornalista, Lula disse: “Pergunta para o Bush”. Por sua vez, Presidente Lula tinha dito: **“Mas, presidente Lula, e a crise americana?” “Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”**. Todo o restante da fala do presidente é completamente “esquecida” pelo enunciador jornalista.

Essa extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois frequentemente o enunciador *sobresassevera* alguns de seus fragmentos e os apresenta como *destacáveis*. A sobresasseveração é uma modulação de enunciação que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma *destextualização*. Trata-se de uma operação de colocação em relevo no tocante ao restante do desenvolvimento textual que se efetua com a ajuda de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição saliente em uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação), etc. A reportagem a seguir publicada no jornal Folha de S. Paulo em 21/05/2012 se constitui num bom exemplo do que Maingueneau define como sobresasseveração.

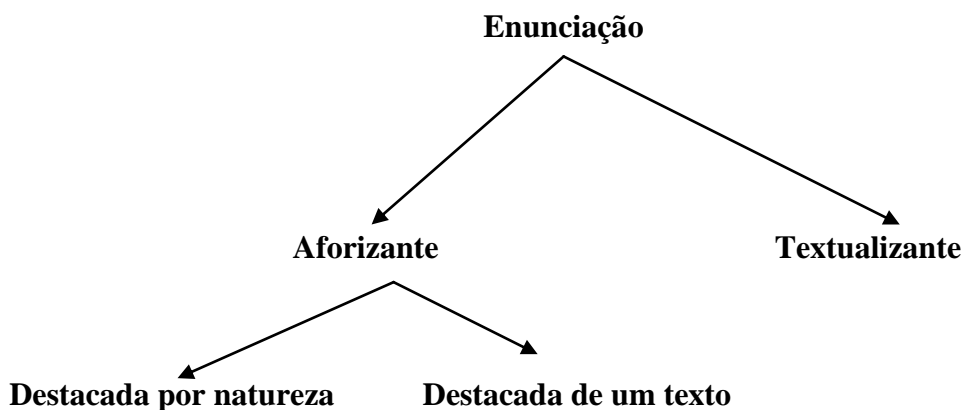


(8): Reportagem publicada no Jornal Folha de S. Paulo 21/05/2012.

Segundo o UOL em matéria publicada em 21/05/2012: “Uma das redações consideradas pela Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) como uma das melhores do vestibular 2012 da USP (Universidade de São Paulo) continha uma mensagem subliminar pedindo a saída do reitor da instituição, João Grandino Rodas”. Na verdade o que o UOL compreende como mensagem subliminar se constitui num exemplo bastante interessante do

que Dominique Maingueneau conceitua como sobreasseveração. Com efeito, o locutor destaca determinados elementos linguísticos ao longo da redação, formando o enunciado “Fora Rodas”. Esse enunciado, produzido alhures, visto que se constitui numa representação metonímica das manifestações contrárias a atitude do Reitor da USP em autorizar a entrada e a permanência da Polícia Militar no campus da USP na cidade de São Paulo - SP, é dado a ler na redação do vestibulando como uma espécie de antecipação do que deve ser retomado. Trata-se de uma estratégia do vestibulando, buscando identificar seu posicionamento ideológico frente à reitoria com o posicionamento da banca de correção das redações.

No entendimento de Maingueneau, as divergências entre o enunciado fonte e o enunciado destacado são reveladoras de um estatuto pragmático específico para os enunciados destacados. Esses últimos revelam, com efeito, um regime de enunciação que o pesquisador propõe chamar “enunciação aforizante”. Entre uma “aforização” e um texto não existe uma diferença de tamanho, de forma, de sistematicidade linguística, mas de ordem enunciativa. O esquema a seguir exemplifica as duas ordens discursivas propostas por Maingueneau:



Para Maingueneau a enunciação se organiza em duas ordens do enunciável: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. Esta última, por sua vez, se organiza em enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto. No entendimento do teórico francês por meio da aforização o locutor se coloca além dos limites específicos de um determinado gênero do discurso:

O « aforizador » assume o ethos do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente, ele não se endereça a um interlocutor colocado no mesmo plano que ele e que pode responder, mas a um auditório universal. Ele é instado a enunciar a sua verdade, que prescinde de toda a

negociação, exprimindo uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção de existência. Por intermédio da aforização vemos coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito* no sentido *jurídico e moral*: alguém que se coloca como responsável, afirmando valores e princípios diante do mundo, se endereçando a uma comunidade para além dos locutores empíricos que são seus destinatários.

Este, no entanto, é, para Maingueneau, o ponto central do problema, “o aforizador não é um locutor, o suporte da enunciação, mas uma consequência do destacamento”, isto é, não se trata apenas de outra instância enunciativa, distinta tanto da do locutor/alocutário quanto da do enunciador/enunciatário, mas uma instância “supraenunciativa” em contato com uma Fonte Transcendente. Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador.

O desenvolvimento recente de uma configuração midiática totalmente nova, que associa diretamente a mídia impressa, o rádio, a televisão, a internet e a telefonia móvel, permitiu aumentar para níveis sem precedentes o destacamento e a colocação em circulação das aforizações.

Um certo número de « frases sem texto » são tomadas em um processo de tipo pandêmico: durante um período curto vemos circular em todas as mídias e às vezes com uma frequência muito elevada, com estatutos muito diversos: título de um artigo de jornal ou de uma página da internet, frase que circula na parte de baixo do monitor de um canal de informação televisiva, título de um vídeo sobre o YouTube, etc. Como exemplos podemos citar o enunciado «Que vergonha, Barack Obama»⁴, proferido por Hillary Clinton nas últimas eleições presidenciais americanas (23 de fevereiro de 2008), ou o enunciado de Sílvio Berlusconi : «Obama é jovem, belo e bem bronzado»⁵ (06 de novembro de 2008). Nesse sentido, segundo Maingueneau (2012) :

Podemos falar de uma « panaforização », termo que combina o *pan* « pandemia » e « aforização ». A panaforização figura nas manchetes dos jornais, se infiltra nas conversações ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias : sobre os fóruns, os talk-shows televisivos, no correio dos leitores, etc. Antes de desaparecer é substituída por outras.[...] Com a emergência da Internet e a interconexão generalizada dos suportes de informação num mundo globalizado, a aforização entrou num novo regime, que ainda não conseguimos medir todas as suas implicações políticas, sociais, cognitivas. A panaforização se opõe termo a termo à « sentença » da cultura humanista que pervaleceu até segunda guerra mundial: sua validade não está ligada a sua *profundidade* temporal, a seu pertencimento a um Thesaurus antigo e à Tradição que a perpetuou, mas ao fato de que ela satura de repente o *espaço* midiático, que se impõe como *objeto de discurso*, como o que não podemos deixar de falar.

Um exemplo que ilustra bem o funcionamento das panaforizações é a pequena frase “Vada a bordo, cazzo”, dita pelo comandante Gregório De Falco da Capitania do Porto de Livorno ao capitão do navio Costa Concórdia Francesco Schettino em 17 de janeiro de 2012, quando do naufrágio do navio.



(9): Reportagem publicada no site geek.com.br 22/01/2012.



(10): Reportagem publicada no site g1.globo.com 18/01/2012.

As matérias acima publicadas em diferentes suportes nos mostram como a frase “Vada a bordo, cazzo”, por conta da sua intensa circulação ganhou o status de panaforização.

Defendo que a teoria das “frases sem texto” proposta por Dominique Maingueneau se configura num preciso ferramental para dar conta, sobretudo, da maneira mesmo, como certos textos circulam atualmente nas mídias. No entanto, dado o caráter multissemiótico dos textos midiáticos atuais, que mobilizam em sua constituição diferentes materialidades significantes, especialmente os que se assentam na comunicação política, objeto nosso de reflexão neste artigo, cremos ser pertinente mobilizar na junção com a teoria de Maingueneau a teoria Semiótica Social de Theo Van Leeuwen.

O livro *Introducing social semiotics*⁶ de Theo Van Leeuwen inaugura a introdução aos conceitos e métodos do escopo de estudos da semiótica social. A obra discute ao longo de suas páginas alguns dos princípios que tornam a semiótica social uma nova e distinta abordagem dentro do campo de estudos semióticos de maneira geral, bem como, linguísticos, comunicacionais e sociais. Nessa direção, delinea-se que

semiótica social não é uma teoria pura, homogênea, terminada, distante de suas relações fronteiriças nem um campo auto-suficiente. Isso se aplica porque a tentativa do autor deste livro é também o de aproximar o termo social da semiótica, que é feito justamente para envolver a esta teoria com diversas teorias sociais.

No entendimento de Theo Van Leeuwen, assim como nas teorias linguísticas, que, em algum momento de história, mudaram seus focos da sentença ao texto e do contexto à gramática do discurso, a semiótica social modificou seu foco do signo para o modo como, em inter-relação, os indivíduos lançam mão de certos recursos semióticos para produzirem as ações e os mecanismos comunicativos, assim como utilizá-los para interpretar em contextos específicos de situações e práticas sociais, os quais podem ou não alterar a forma de produção e a manifestação.

Recursos em semiótica social são, portanto, significantes, ações observáveis e objetos que foram esquadrihados para o domínio do social, da comunicação e que têm, por essa natureza significativa-social, um potencial semiótico-teórico constitutivo, seja por todas as suas utilizações alhures, seja pelas atualizações que deles são feitas ou pela fresta aberta a uma futura utilização. E é exatamente por todos esses potenciais de usos anteriores que tais recursos são conhecidos, compartilhados e considerados relevantes pelos usuários em uma comunicação, verbal ou não-verbal. Essas utilizações ocorrem em um contexto histórico-social, e nesta situação em específico podem haver regras de uso – “as melhores” práticas a serem seguidas –, que regulam como recursos específicos semióticos podem/não podem e devem/não devem ser usados. Além disso, esses recursos não estão restritos à fala nem à escrita tampouco à produção de imagens.

Utilizando um interessante esquema argumentativo, qual seja, definir aspectos e análises dos mecanismos semióticos desenvolvidos e aplicados a diversas imagens, filmes, arquitetura, propagandas e até mesmo a ao formato, *design* e funcionalidade de brinquedos para crianças, bem como as verdades que estes representam, o autor coloca três questões básicas que, em sua perspectiva, os semioticistas trazem à luz em suas pesquisas: a) eles coletam, documentam e sistematizam em catálogos de pesquisas semióticas – inclusive a história desses catálogos; b) investigam como essas pesquisas são usadas ao longo da história, em contextos culturais e institucionais – o seu plano, o seu ensino, a sua justificativa, a sua crítica etc.; c) contribuem para a descoberta e o desenvolvimento de novas pesquisas semióticas e novos usos para as pesquisas semióticas já existentes.

Nesse sentido, da ideia originada em Halliday, de que Gramática não é simplesmente um conjunto de regras para se redigir boas sentenças, e sim um recurso para busca de significados, Leeuwen aprofunda essa reflexão, defendendo que gramática pode ser usada em outros modos/suportes

semióticos, definindo que recursos semióticos como ações e artefatos/mecanismos, que nós usamos para comunicação, sejam elas produções de sentido por meios fisiológicos – com ou sem aparelho vocal, com músculos usados para criar expressões faciais e gestos etc. – sejam elas pelos significados tecnológicos – com caneta, tinta e papel, com computadores e *software*, com tesouras e máquinas de costura etc. Tradicionalmente, essa busca por significados na comunicação, ou aquilo que é comum entre interlocutores, no que tange aos sentidos, é chamado de signo. Com efeito, para Van Leeuwen há também uma espécie de gramática que regula o funcionamento dos textos multissemióticos.

A semiótica social não estaria centrada “apenas” no discurso, mas em qualquer troca cultural que exija a busca de conhecimentos. Para nossa análise em relação às eleições brasileiras, interessa particularmente os recursos das dimensões de análise da semiótica social que Leeuwen aborda. O autor dimensiona seu trabalho algum desses recursos. Entre eles: 1) *Discurso*, que é conceito-chave para estudar como os recursos semióticos são usados para a construção de representações sobre o que está acontecendo no mundo; 2) *Gênero*, que trata da compreensão de como os recursos semióticos são usados para promulgar interações comunicativas – interações que envolvem alguma forma de representação – como, por exemplo, se são conversas face a face ou se são retirados de outros tempos e/ou lugares, como livros e outras mídias; 3) *Estilo*, um conceito que é o espaço teórico privilegiado para estudar como os indivíduos usam recursos semióticos na execução dos gêneros e, mais e além disso, como esses mesmos indivíduos deixam certas marcas, pistas, trilhas para expressar suas identidades e valores ao fazê-lo; 4) *Modalidade*, conceito que é crucial para estudar como indivíduos usam recursos semióticos para criar valores de verdade ou de realidade de suas representações, para se comunicar, por exemplo: se uma imagem e/ou asserção são postas a circular para ser tomadas como verdade ou como ficção, a verdade comprovada ou conjectural etc., e sempre na tensão de certo interesse nesta representação de verdade, ou seja, as verdades são diferentes a depender de quem a produz.

Apesar de discuti-las separadamente, para fins didáticos, todas essas dimensões nunca ocorrem isoladamente e são sempre parte de cada evento comunicativo e cada artefato semiótico utilizado como recursos de construção e compreensão dos objetos. De acordo com o autor, somente se pode ter uma visão multidimensional destes conceitos ao olhá-los conjuntamente.

Para Van Leeuwen ainda, a semiótica social aborda dois temas intimamente relacionados, quais sejam: os recursos materiais de comunicação e a forma como os seus usos são socialmente regulados. O primeiro tema trata de como os recursos materiais de comunicação podem

ser fisiológicos ou técnicos. Como recursos fisiológicos, incluem-se o nosso aparelho vocal, músculos que usamos para criar expressões faciais, gestos e outras ações físicas que realizam parte do não-verbal das comunicações inter-humanas. Pode-se dizer que se trata também de uma utilização sempre socialmente regulada. Em consonância com o autor, a voz, por exemplo, pode produzir uma vasta variedade de sons. Mas, na maioria das situações, é evocada a produzir apenas sons da fala, e apenas os sons da fala apropriados a uma dada situação, idade, gênero, classe social e papel dos falantes envolvidos. O mesmo se aplica ainda ao não-verbal das comunicações. A tese é de que, desde cedo, tendemos a observar e a imitar os elementos socialmente permitidos ou, mais ainda, as formas desejáveis de comunicação não-verbal; muitas vezes nós somos explicitamente instruídos – termo de Leeuwen – por esses elementos permitidos, como em seus exemplos: “Olhe para mim enquanto você fala” ; “Não coloque as mãos em seus bolsos”; “Sente-se direito à mesa” etc. Isso não quer dizer que não exista espaço para a liberdade, para uma pitada de estilo individual, no modo como nos comunicamos, verbal ou não verbalmente. Há, no entanto, mais em algumas situações do que em outras. Entretanto, em geral, a comunicação sempre ocorre dentro – ou às vezes em oposição a alguma coisa – dos limites socialmente definidos de situações específicas. Se, por ventura, nos afastamos para além dessas fronteiras sociais, ora mais ou ora menos visíveis, algumas “sobrancelhas serão arqueadas” nos desaprovando; mas, se persistirmos um pouco mais além em superar esses limites, pode haver outras consequências e mais graves: não vamos ser os mais “aptos” a esta situação particular e seremos afastados de alguns acontecimentos institucionais e sociais.

Em contrapartida, pelos os recursos técnicos, Leeuwen entende que são elementos que podem ampliar o potencial de nossos recursos fisiológicos. Nós podemos comunicar não só com a nossa voz, mas também com instrumentos musicais; não só com expressões faciais e gestos, mas por meio das roupas que usamos e pela maneira como tratamos nossos corpos. Isso inclui até mesmo a comunicação por meio de modalidades sensoriais, as quais não temos controle articulatório consciente, como, exemplo, quando usamos certas fragrâncias para comunicar algo sobre nós mesmos (a intensidade e o cheiro de perfumes que passamos para ir a um encontro, festa etc.) ou sobre espaços particulares, ao perfumarmos uma sala, um banheiro etc. Por fim, temos tecnologias desenvolvidas para preservar nossos atos comunicativos: escrever e gravar para retransmitir ou distribuir por meio de distâncias. Por exemplo, telefonia, radiodifusão, arquivos de computador, entre outros. O uso desses recursos é também socialmente regulado, por exemplo, por meio de quem ou a quem serão permitidos os acessos a tais arquivos, sejam eles em papéis, sejam digitalizados.

O escopo da semiótica social é, portanto, a união desses dois aspectos de recursos semióticos, sua natureza material ou técnica – e a potencialidade semiótica que eles têm –, e a regulação social da sua utilização, a par e passo com sua história. Isto significa que semiótica social é em grande medida sobre o “como” das comunicações. Como podemos utilizar todos esses recursos materiais para produzir sentido X e/ou Y? Van Leeuwen argumenta não ser possível dissolver estas questões sem entender um “como” sem “o quê”, e arriscaríamos, do mirante do discurso, nem sem um “por que” da circulação discursiva desses recursos. E como é feito isso em suas teorizações? Esta resposta repousa na compreensão que traz de discurso.

No nosso entendimento, o autor usa explicitamente uma concepção foucaultiana de discurso, bem como a forma de ser fazer a análise dos discursos, aspectos teórico-metodológicos que o aproximam da Análise de Discurso, quer seja na sua vertente historicista, quer seja na sua vertente enunciativa. Com efeito, discursos que são possibilitados a partir de princípios de controle, de delimitação e de rarefação, isto é, discursos como ordens reguladoras e definidoras das construções de saberes socialmente circulantes, edificadores de aspectos da realidade.

A ideia de “socialmente construída” define-se como conhecimentos que têm sido desenvolvidos em contextos sociais específicos e em formas adequadas aos interesses dos atores sociais nesses contextos, sejam eles grandes contextos – corporações multinacionais – sejam eles pequenos – uma família em particular; sejam contextos fortemente institucionalizados – a imprensa –, sejam aqueles relativamente informais – conversas familiares à mesa de jantar, entre amigos em um restaurante, etc. Um dos exemplos que Van Leeuwen apresenta parece bastante interessante. Segundo o teórico, tomemos um discurso sobre “operações especiais” de guerra. Esses discursos podem ser destacados por jornalistas ocidentais ao relatar os EUA em uma coligação militar de intervenções nos lados do oriente, mas podem também ser utilizados em certos tipos de conversação, diálogos cotidianos prosaicos, em aeroportos, em romances policiais, em filmes de Hollywood, em jogos de computador, em documentários... Tais discursos, frequentemente, servem ao interesse de país e/ou países e de certas instituições midiáticas, em que textos, diálogos, imagens e outros elementos são produzidos acerca do tema. Todavia, como seguem uma orientação ideológica de sentido, normalmente, esses discursos deixam de fora, ou mais à margem, acontecimentos factuais como bombardeios aéreos, terrestres, mortes de civis, para concentrarem seu centro de sentido em “a elite das forças terrestres envolvidas em operações especiais”, isto é, habilidades de combate altamente superiores, quer seja em tecnologia, quer seja em grupamentos e equipamentos de trabalho, rápida e eficiente inserção ao

território “inimigo”; a criação palpável e visível de um inimigo, ou seja, a representação do mal, como um senhor da guerra despótico, tirano ou superterroristas, levando à luta um exército de homens aos frangalhos, indisciplinados e mal preparados/equipados; a ideia de salvação de vítimas fracas deste inimigo, a saber, as populações locais, a ONU, a manutenção da paz e agências humanitárias de alimentos que, de acordo com esse discurso, não podem operar sem a proteção das forças de elite.

Discursos são, portanto, recursos para representação, conhecimentos sobre algum aspecto da realidade que podem ser utilizados quando esse aspecto da realidade tem de ser representado. Podem existir vários discursos sobre um determinado aspecto da realidade, que produzem efeitos de sentido de maneiras diferentes, ou seja, incluindo ou excluindo coisas diferentes e servindo a interesses diversos. Qualquer discurso pode ser realizado por gêneros diferentes e múltiplas combinações de recursos semióticos. Discursos combinam dois tipos de elementos, quais sejam, representações de práticas sociais e as legitimações destas práticas sociais⁷.

Com isso temos que, para a questão de um o quê da comunicação, na semiótica social, Van Leeuwen faz uma abordagem via as estruturas discursivas e suas regulações. Todavia, a fim de edificar um “como” acontecem as comunicações, o autor envereda por dois conceitos bastante difundidos e conhecidos no campo dos estudos da linguagem: a teoria dos atos de fala, marcadamente envolta nas concepções do filósofo inglês Austin e teorias sobre gênero, que aproxima, sobretudo, a semiótica, tal como ele entende, do viés social.

Todavia, a propósito de nosso trabalho, compreender com as “frases sem texto” e as fotografias dos atores sociais em textos da mídia sobre as eleições presidenciais brasileiras, engendram determinados percursos de interpretação, nos debruçaremos mais detidamente na questão dos gêneros. Deixamos apenas a ressalva de que neste gesto de recorte não há nenhuma valoração depreciativa ante a teoria dos atos de fala, e sim apenas questões teórico-metodológicas.

Gênero, em diversas teorias dentro do campo de estudos da linguagem, é um termo-conceito geralmente usado para definir “um tipo de texto”. Textos “adquirem” certo padrão genérico quando têm características que podem também ser reconhecidos em outros textos semelhantes. A razão para isso é que as pessoas que produzem os textos parecem seguir certas regularidades ao lhes produzirem, vezes mais, vezes menos tácitas. O filósofo russo Mikhail Bakhtin, em **Estética da criação verbal**, traz uma definição seminal acerca da concepção de gênero, que para além de decisiva pelo seu conteúdo, com certeza está mais que alicerçada pelo uso e desuso em diversos trabalhos. Na célebre definição, tem-se que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1997a, p.280 grifos do autor)

Para Van Leeuwen são de três tipos de características-padrão a sedimentar os gêneros: conteúdo, forma e função. Gêneros como os *Western* (histórias que envolvem lutas, tiroteios, banguê-banguê) e os famosos e tradicionais contos de fadas são normalmente caracterizados com base em seus conteúdos. *Westerns* são caracterizados normalmente em um determinado tempo e lugar e usam ações e características das personagens em tramas típicas ao padrão genéricas. Contos de fadas, da mesma forma, são definidos a partir de bases consolidadas. No entanto, de acordo com Van Leeuwen, não se deve ficar restrito a esses tipos de texto. Conteúdo, um “o quê” de um texto, é claramente importante em qualquer tipo de texto. Na semiótica social, no entanto, o conteúdo é um recurso estudado sob o título de discurso, em vez de sob o título de gênero.

Textos também podem ser caracterizados com base no meio de expressão ou meios eles usam para circular. Para o autor, o quarteto de cordas poderia ser um exemplo dessa abordagem orientada ao estudo do gênero. Dessa forma, no exemplo, gênero: um quarteto de cordas é um quarteto de cordas, porque compreende quatro instrumentos de cordas, independentemente de como eles são tocados. Essa abordagem de forma orientada é comum em relação às formas de expressão em que a representação não está em primeiro plano ou não é considerada importante — como exemplo de Leeuwen tem-se a música.

Os textos ainda podem ser típicos em termos pelo o que eles fazem. O gênero de propaganda, a exemplo, é definido pela sua função de venda de produtos ou serviços. Atualmente, também de ideias, *vide* as campanhas políticas. O gênero de notícia é definido pela sua função de fornecer informações sobre últimos acontecimentos de interesse público. As combinações são possíveis também. O gênero de revista publicidade, por

exemplo, é definido com base na sua função – publicidade – como, bem como o seu meio, a revista.

A abordagem de gênero da semiótica social tem se concentrado nas funções do texto diante das interações sociais, no que as pessoas fazem para si ou para outros por meio de textos. Como tais acontecimentos se desenrolam sequencialmente. Esta abordagem de gênero concentra-se na forma como os diferentes tipos de “começo-meio-fim” estruturam e ajudam a aprovar práticas comunicativas. Mas a abordagem da semiótica social também ressalta que o estudo do texto por si só não é suficiente. As sequências de ações comunicativas que compõem gêneros estão incrustadas em práticas sociais que contêm também outros elementos: atores, tempos, lugares e assim por diante. A semiótica social debruça-se não só nas ações, isto é, “o que é feito aqui com palavras (ou imagens, ou música)?”, mas também em “Quem faz isso?”, “Para quem faz?”, “Onde faz?”, “Quando?”. Em outras palavras, vai dos elementos estruturais às condições de produção desses gêneros.

Portanto, gênero pode ser um tipo de texto definido em termos da sua estrutura e das suas condições de produção como um evento comunicativo. Além disso, são formas de atingir objetivos comunicacionais, tais como contar uma história, persuadir as pessoas a fazer e acreditar em coisas, instruir pessoas em alguma tarefa, e assim por diante. Eles são analisados como constituintes de etapas dadas em “padrões” funcionais, como a identificação de um problema, a proposta de uma solução, e assim por diante. Cada estágio, ainda, é um passo no caminho para cumprir tais metas comunicativas. Gêneros podem, assim, ser vistos como as ações de comunicação de dadas práticas sociais que, por sua vez, como vimos, são ações que as pessoas fazem para si ou para outros, na medida em que elas seguem padrões reconhecíveis e cujos principais elementos de tais práticas são as ações que as constituem, a maneira pelas quais estas ações são executadas, os atores sociais que participam das ações, os recursos necessários para a exequibilidade das ações etc.

A priori, pode se esperar que qualquer gênero possa combinar com qualquer discurso, porque os gêneros são, no mais das vezes, modelos de ações e mecanismos comunicativos. Todavia, na prática, nem todas as combinações de gênero e discurso são socialmente aceitáveis, justamente pelas regulações que os discursos sofrem e refratam.

Já por outro recurso de análise social semiótica, Theo Van Leeuwen aborda a questão do estilo. Para desenvolvê-la sob a égide semiótica social, o autor parte dos trabalhos de outro teórico, Norman Fairclough, que executa três conceitos, em parte semelhantes, aos da teoria de Van Leeuwen: discurso, gênero e estilo. Entretanto, o objeto de pesquisa de

Fairclough foi o de uma análise da linguagem do Novo Trabalhismo, mas ligado ao campo político:

Estilos (por exemplo, o estilo de Tony Blair) têm a ver com identidades políticas e valores; discursos (por exemplo, o discurso da "terceira via" [frente política da qual Tony Blair faz parte]) têm a ver com representações políticas, e gêneros têm a ver com figuras como a linguagem, como meios de Governo (O **Green paper** constitui um gênero particular, uma maneira particular de usar a língua no governo) (...) Apenas estes [gêneros] são analiticamente separáveis – em casos reais, eles estão sempre simultaneamente em funcionamento. Assim, qualquer discurso de Tony Blair, por exemplo, pode ser analisado em termos de como ele contribui para o processo de governo (como ele alcança o consentimento, por exemplo), como se representa o mundo social e os processos político e governamental em si, e como ele projeta uma identidade particular, ligada a valores específicos – isto é, em termos de gênero, discurso e estilo. (FAIRCLOUGH, 2000, p.14 apud VAN LEEUWEN, 2004, p. 139)⁸

A semiótica social, principalmente, tem se concentrado mais nos recursos semióticos empregados no discurso e no gênero do que estilo. Entretanto, Van Leeweun observa que, como em seu entendimento, a expressão “estilo de vida” começa a substituir classe social, como o principal tipo de agrupamento social e fonte de identidade social, as questões de estilo têm-se se tornando cada vez mais importantes no mundo social dos dias de hoje.

O autor ainda apresenta três abordagens para questões ligadas ao tema estilo. Aponta em uma direção de mudança quanto a esta questão: a dominância de expressões tais como “estilo de vida” em vez de “estilo social”. Na prática e em teoria, as três abordagens, como o autor tenta demonstrar, se envolvem de muitas maneiras. Isso se dá porque há um ponto comum entre todas os recursos de estilo, que é a articulação que preside a relação entre a liberdade individual – um certo estilo próprio de cada indivíduo – e a determinação social, que, de muitas maneiras, coage os vários estilos existentes a centrar-se em formas estilisticamente dominantes. No entendimento de Van Leeuwen, em primeiro lugar, deve ser considerada a ideia de estilo individual como diferença individual, embora as formas de falar, escrever e agir estejam sempre em alguma medida socialmente reguladas. Há, ainda assim, geralmente, espaços para diferenças individuais, para, como diz o próprio autor, “fazer as coisas do nosso jeito”.

A caligrafia é um bom exemplo do estilo individual. Ela é socialmente regulada, uma vez que há um modo como tem sido ensinada no sistema escolar, mas todo mundo tem sua própria caligrafia, que reconhecível e ligada a um estilo próprio. O estilo individual tem se expressado fortemente em manifestações como música, literatura e artes, em que é interessante e exaltado ter seu próprio estilo. De acordo com Van Leeuwen, alguns autores, por um lado, tratam o estilo individual como marca de identidade, uma espécie de impressão digital. O estilo individual

de voz permite reconhecer que é certo orador, que o estilo individual de escrita é de dado escritor etc. A capacidade de reconhecer estilo individual torna-se um campo de conhecimento especial, um campo de trabalho, certamente. A experiência do historiador de arte, a determinar se uma pintura é um verdadeiro Monet, Portinari, Tarsila do Amaral, entre outros artistas. Além desse campo, a base de estilo individual pode contribuir na perícia de um linguista forense, que é chamado a (com)provar, com base em características estilísticas, que documentos aparentemente distintos e assinados diferentemente, eram, na verdade, escritos pela mesma pessoa.

Para outros teóricos, por outro lado, o recurso estilístico significa ser algo expressivo. Estilo expressa sentimento, atitudes diante do que é dito, escrito, pintado ou engendrado. Ou seja, sustenta certa autoria de um discurso a que se veicula o dizível. Segundo o autor, isto pode resultar de decisões deliberadas, como no caso da literatura, artes, teatro, etc., em que estilos podem ser deliberadamente cultivados (ou imitados), ou não, como no caso de algo considerado vulgar, vozes das pessoas, estilos de escrita, estilos de andar, e assim por diante.

Teóricos franceses, como Guiraud, Barthes, Rifaterre, cada qual à sua maneira, se detiveram na questão do estudo dos estilos. Da expressão estilística a um estudo do valor estilístico, passando inclusive por tópicos tais como origem social do sujeito falante, efeitos de estilo na semiótica estruturalista, abordagens psicológicas ao estilo individual, como o estudo de preferências de cor, em determinadas abordagens linguagem corporal, ou em grafologia, ou em relação à literatura, como Barthes o fez, ao criticar a ideia valores expressivos.

Já pela ideia de estilo social, Van Leeweun trata de arguir que recurso de estilo nesta situação exprime não nossa personalidade individual e atitudes, mas a nossa posição social. Dito de outro modo, há um “Quem somos?” em termos de categorias estáveis, tais como classe, gênero e idade, relações sociais e “O que fazer?” em termos de atividades socialmente reguladas, as quais nos envolvemos em certos papéis que desempenhamos dentro do ambiente social. Assim, estilo social não seria psicologicamente motivado nem seguiria nossos humores de ocasião. Ainda que nessa ideia o individual não desapareça, em certa medida, o valor altamente centrado em um ego diminui de importância.

O estilo social passou a desempenhar papel cada vez mais importante, por exemplo, nas teorias sociolinguística e estilística dos anos 1960 e 1970. Juntamente com o interesse nas variantes linguísticas em si, como determinada realização fonética ou encaixes morfossintáticos em certos grupos de indivíduos, muitas vezes falantes do mesmo idioma, passou-se a se estudar outras variantes a atuar nestas diferenças de linguagem, por exemplo, classe social, poder, *status* de determinada variante

diante do meio social etc. São de muito fôlego, dentro do campo da linguística, trabalhos de pesquisadores como Bernstein, Labov, Brown, Gilman ou mesmo para os recursos de estilo em meios de comunicação, campo de judiciário. Portanto, a idéia de estilo, que tinha sido tão fortemente associada ao estilo individual, passava então à idéia de “variedade da língua”, “dialeto”, “idioleto”, “marcadores de variedade”; “competência das regras sociais” para seguir os estilos, entre outras coisas.

A semiótica social por tratar de recursos semióticos, em contextos sociais, se alinha a esses estilos sociais. Desse modo, estilo compreende tanto a organização de características linguísticas no texto quanto os efeitos produzidos nas complexas inter-relações do produtor do texto, texto e consumidor do texto, em sua, específicos posicionamentos sociais.

Por essa via de pensamento teórico, estilo de vida, como quer Van Leeuwen, é o ponto de encontro entre estilo individual e estilo social. Por um lado, é social, porque um grupo que mantém certo estilo, mesmo se os grupos que sustentam estão geograficamente dispersos, espalhados por outras cidades, estados e/ou lugares do mundo, o que os caracteriza não por uma estabilidade posicionamentos sociais como classe, sexo e idade ou mesmo atividades relativamente estáveis, como ocupações. Porém, compartilham comportamentos de consumo (gosto compartilhado) padrões comuns de atividades de lazer (por exemplo, um interesse em esportes similares, ou destinos turísticos) e atitudes compartilhados para questões sociais, como atitudes semelhantes para os problemas ambientais, questões sexistas de gênero etc. Por intermédio de sua aparência, as pessoas podem anunciar suas “interpretações” de mundo, a sua filiação com certos valores e atitudes. Na mesma base, que pode também reconhecer outros, em todo o mundo, como membros que interpretam o mundo da mesma forma.

No entanto, estilo de vida também pode ser analisado como algo da ordem do individual. Ao contrário do tradicional estilo social, o discurso inscrito em estilo de vida, segundo Van Leeuwen, é diversificado. Tem-se uma diminuição da homogeneidade, aumenta-se a escolha e acaba-se, assim, com a exigência de se vestir de acordo com a sua idade, gênero, classe, profissão e até mesmo nacionalidade. Há certamente estilos distintos para homens e mulheres, para jovens e velhos e para diferentes níveis sociais, como classes e ocupações; entretanto, se essas nuances não desaparecem, certamente se tornam gradativamente menos importantes. Embora os indivíduos possam estar cientes do fato de que as suas escolhas são também as escolhas de milhões de pessoas como eles, em todo o mundo, seus estilos são essencialmente individuais e pessoais, e isso demonstra, em alguma medida, que eles estão fazendo uso criativo da ampla gama de recursos semióticos, que lhes são disponibilizados pelas indústrias culturais (que é fator gerado e existente pelo lado social do consumo de bens culturais). Este

discurso se reforça pelo fato de que estilo de vida é um tipo de identidade instável, que pode mudar e ser descartada, refeita, transformada a qualquer momento. Como um resultado, existe uma necessidade de monitorar constantemente os meios de vida e do meio ambiente. Os significados expressos pelo estilo de vida já não derivam do inconsciente, tais como os de escritores, artistas e atores no passado. As pessoas atualmente criam suas identidades de forma deliberada – talvez isso explique o estado exaltado de escritores, artistas, atores etc. na sociedade de consumo contemporânea, isto é, com essa permissividade de criação, mudança e transformação de estilo, a canonização de um estilo literário pode ser questionada ou, na melhor das hipóteses, ter de dividir espaço com outros estilos “menos prestigiados”, ao dizer de Dominique Maingueneau (2003).

Van Leeuwen explicita esta tensão individual *vs.* social com o exemplo da caligrafia, novamente. Vejamos:

Se caligrafia é “estilo” individual de escrever, revelando uma personalidade única e consistente do escritor, seja em qualquer contexto, e se os “estilos sociais” são homogêneos, mas variam de acordo com o contexto – por exemplo, a caligrafia livre de uma carta pessoal, “escrita” com as caligrafias apropriadas para cartas comerciais – então estilo de vida do escrito é caracterizado pelo computador, que, como a máquina de escrever, fornece padronizações sociais e produções em massa de formas de letras[fontes], mas, ao contrário da máquina de escrever, dá aos usuários uma grande variedade de fontes que lhes permitam personalizar sua comunicação por escrito, independentemente se estas são públicas ou privadas.(VAN LEEUWEN, 2005, p. 146)⁹

Com efeito, estilo, na visada teórica da semiótica social de Van Leeuwen, trata-se de um recurso semiótico inscrito na maneira pela qual um artefato semiótico é produzido ou, ainda, um evento é semioticamente realizado, quando em contraste com o discurso e o gênero em que se realiza. Os efeitos de sentidos transmitidos pelo estilo são, no mais das vezes, diferentes. No caso de individual, estilo marca a identidade e o caráter de uma pessoa, individualmente dizendo. No caso do modelo de estilo social, trata-se de índices sociais, categorias como proveniência, classe, profissão etc. No caso de estilo de vida, é possível pensar na indicação de identidades individuais e sociais interagindo. Assim, os valores que são socialmente produzidos e partilhados com outros formam um novo tipo de identidade social.

Em última instância, entre as maneiras de análise da semiótica social de Van Leeuwen, temos questões atinadas à modalização elaborada a partir dos recursos semióticos empregados nos discursos. “Modalidade” é a abordagem social semiótica para a questão da representação de verdade, ainda que, sem trocadilhos, a verdade não seja verdadeiramente verdade. Ela diz respeito tanto a questões de representação – fato *vs.* ficção, realidade *vs.* fantasia, *vs.* real *vs.* artificial, autêntico *vs.* falso – quanto a questões de

interação social, porque as reflexões que concernem à verdade são também um viés para questões sociais, haja vista que o que é considerado como verdadeiro em um contexto social e histórico por não ser, necessariamente, assim considerado em outros, com todas as consequências que isso traz.

De acordo com Van Leeuwem, em princípio linguistas e semioticistas não estão preocupados com a verdade absoluta, mas com a verdade que falantes, escritores e outras produções significantes interpretam com base em certos recursos semióticos que utilizam para se expressarem. Os dois não coincidem necessariamente, mas é perfeitamente possível representar ou se fazer representar sobre o que não existe. É uma ficção realista que prospera sobre isso. Surgida de um embate de posicionamentos, daí, portanto, a necessidade de modalizar a algum objetivo qualquer que seja o discurso, a modalidade se baseia na imposição de argumentos, ditos representantes de uma verdade absoluta, por uma autoridade, ou por um texto oficial, ou por um consenso alcançado no diálogo; dito de outro modo, modalidade requer sempre duas partes, o falante ou escritor e o ouvinte ou leitor que, voluntariamente, ou a contragosto, estão em consonância com a versão de verdade acordada. Há, dessa forma, um controle social que decanta sobre o controle de representação da realidade, que será aceita ou não como a base, para um dado julgamento e/ou ação a ser realizada. Quem busca controlar a modalidade pode controlar que versão de realidade será selecionada como a versão válida no processo semiótico utilizado ou a que será marginalizada.

Os recursos linguísticos da modalidade têm claramente papel muito importante a desempenhar na sociedade. Eles permitem que as pessoas criem as verdades compartilhadas de que precisam, a fim de serem capazes de formar grupos que acreditam nas mesmas coisas e que podem, portanto, agir de forma coesa e eficaz no e sobre o mundo, atuando inclusive na marginalização de certas verdades que eventualmente um determinado grupo, ideológica ou politicamente dominante, por exemplo, possa não querer expor ou não ter interesse em expor.

Dessa perspectiva, Van Leeuwen classifica o interesse dos lingüistas “na modalidade tradicionalmente centrada em uma abordagem gramatical sistêmica específica, que se vale de modais auxiliares, por exemplo, tais como *may*, *will*, *must*. Estes três ordenadamente expressam modalidades (possibilidades de assentos de sentido): baixa, média e alta. Para este domínio de estudos linguísticos, a verdade não é simplesmente alguma coisa do tipo “uma coisa ou outra (ou...ou), algo válido para um verdadeiro ou falso, saturado de sentidos, mas uma questão de grau. Como ilustra Van Leeuwen:

She may use another name (low modality)
She will use another name (median modality)
She must use another name (high modality)¹⁰

Esses três graus de modalidade podem, naturalmente, ser também expressos por substantivos relacionados, por exemplo, segurança, probabilidade, possibilidade; por adjetivos, por exemplo, certo, provável, possível; advérbios, por exemplo, com certeza, provavelmente, talvez, indubitavelmente etc.

O teórico Van Leeuwen, para chegar a essa conclusão, se fiou em boa medida no trabalho de Halliday, linguista que acrescentou uma dimensão importante sobre a questão das enunciações modalizadas. Ele percebeu que a modalidade não só nos permite escolher graus de verdade, mas também tipos de verdades. Os exemplos citados por Van Leeuwen nas linhas anteriores são baseados na idéia de probabilidade. Eles representam os valores em uma escala que vai de um “Sim, verdade” até “Não, falso”. Portanto, o critério para este tipo de verdade é: “quanto maior a probabilidade de que o que se está afirmado realmente existiu, ou realmente ocorreu, ou será que realmente ocorreu, maior a modalidade da afirmação.” Outro tipo é a frequência de verdade modalizada. Isto é baseado em uma escala que vai de “Sim, sempre” até “Não, nunca”, ou de “Sim, todos até “Não, ninguém”. Nestes casos, o critério de verdade é: “quanto mais o que se afirmou acontece, ou quanto mais as pessoas pensam o que se afirma, ou mais o dizem ou mais o fazem, maior a modalidade dessa afirmação”. Os recursos linguísticos utilizados para realizar este tipo de modalização, no entanto, podem ainda se expressar em diferentes graus de frequência, como, por exemplo, em forma adverbial. “Ele algumas vezes usa camiseta branca”; “Ele frequentemente usa camiseta branca”; “Ele sempre usa camiseta branca”, entre outros. Ainda argumentando com base no mirante das reflexões de Halliday, há também a distinção entre modalidade objetiva e modalidade subjetiva. Nesta, o critério de verdade é algo como: “quanto mais forte for minha convicção interior sobre a verdade de uma afirmação, maior será a modalidade dessa afirmação.” Já naquela a ideia é deixar claramente a verdade expressa. Novamente, isto não significa que a afirmação seja necessariamente verdade, apenas que é representada como tal.

Todavia, de acordo com semiótica social, modalidade não se restringe ao estudo da linguagem verbal, mas é também um conceito multissemiótico. Todos os meios de expressão têm recurso de modalidade. A questão da verdade emerge em todos eles, em todas materialidades significantes inscritas na história.

Em consonância com Van Leeuwen (1996), tomando por base outros estudos seus – especialmente Kress e Van Leeuwen (1996) – muitos são os meios de expressão que estão envolvidos em julgamentos de modalidade, entre elas a visual. Por exemplo: os graus de articulação dos detalhes das formas, escalonados entre simples desenhos tracejados até fotografias mais nítidas e de textura fina; os graus de articulação do plano de fundo, numa escala que vai do zero, onde as formas e/ou os objetos são mostrados em contraste com um fundo branco e/ou preto, esboçado fora de foco, até o máximo em nitidez e detalhamento dos preenchimentos de plano de fundo; a existência de graus de saturação de cor, num gama de possibilidade que vai da ausência de saturação – preto e branco – até cores em máxima saturação, entre as quais estão os tons misturados a vários outros tons de cinza; a modulação de cor por graus a partir da utilização de cor plana, não modulada para a representação de todas as nuances, desde as mais sutis até as mais aparentes, em modulações de certas cores, por exemplo, a cor da pele, ou a cor da grama; diferentes tonalidades de cor, em graus que vão do monocromático a uma utilização completa das cores; outros recursos como uso maior ou menor das profundidades, jogos de luz e sombra, uso proposital da graduação preto e branca em fotografias, filmes, desenhos, enfim, uma série de elementos que compõem a modalidade visual, utilizadas por meio de recursos semióticos e que são estudados no escopo da semiótica social.

Todos esses meios de expressão visual são gradativos. Eles permitem dizer que dimensão será destacada, colocada em relevo, e quais outras ficarão à margem. O valor de certas modalidades, suas configurações e recursos semióticos utilizados dependem do tipo de verdade visual que é posta ou não em relevo, em determinados contextos. E o teórico Van Leeuwen ainda vai trabalhar quatro formas de modalização distintas para o aspecto visual dos objetos semióticos, sendo elas a modalização naturalista, abstrata, tecnológica e sensorial.

Em muitos contextos, há dominância de modalidades naturalistas. Elas mantêm uma visão de verdade que tange à asserção: “quanto mais uma imagem for semelhante à maneira como, na realidade, se veria algo que se viu, a partir de um ponto de vista específico e sob certas condições específicas de iluminação, maior será a sua modalidade”. Ainda de acordo com Van Leeuwen, esta, pelo menos, é a teoria, porque, na realidade, a modalidade naturalista fornece indícios de julgamentos de maneira muito dependente da forma como que a tecnologia de imagem representa o visual. Quando a preto e branco era a norma, a cor foi considerada como “mais do que real”.

Já as modalidades visuais abstratas são comuns nos visuais científicos e de arte moderna. A verdade visual como uma verdade abstrata.

Assim, quanto mais uma imagem representar as essências profundas e subjetivas daquilo que ela está representando, ou mais ela representar o padrão geral, subjacente superficialmente, maior será a sua modalidade. Ou seja, ela se expressa pela articulação reduzida. Especificidades de iluminação, matizes de cor, detalhes que criam diferenças individuais são irrelevantes do ponto de vista da verdade essencial ou geral. Isto é visto, por exemplo, quando as modalidades naturalistas e abstratas são combinadas.

A modalidade tecnológica tem a verdade visual baseada na utilidade prática da imagem. Quanto mais uma imagem pode ser usada como um modelo, ou uma ajuda, ou uma trilha de sentido para a ação, maior será sua modalidade. Muitos mapas são deste tipo, e por isso são padrões para fazer o vestido, a arquitetura de desenhos e as instruções de montagem de *kits* “faça você mesmo”. Ou mesmo o Diagrama de Veen que contextualiza icônicamente o discurso do desenvolvimento sustentável. As configurações correspondentes desta modalidade tenderão para articulação fortemente diminuída.

A última modalidade arrolada pelo teórico é a sensorial, em que o visual baseia-se no efeito de prazer ou descontentamento criado pelas sensações visuais. Além disso, é realizado por um grau de articulação que é aplicado para além do ponto de naturalismo, de modo que a nitidez, profundidade, cor, luz o jogo de sombra tornam-se, a partir do ponto de vista da modalidade naturalista, mais do que real. Cor, por exemplo, é utilizado na sensorial não para denotar significados gerais, tais como pastagens ou água em mapas, ou ainda expressar a essência de algo em uma imagem artística (modalidade abstrata) nem por sua semelhança com a realidade (como na modalidade naturalista), mas para ser uma espécie de calmante ou efeito perturbador. A modalidade sensorial é usada em contextos onde há assuntos de prazer: em anúncios de alimentos de fotografia e perfume, por exemplo, e também em contextos que tentam criar uma intensidade de experiência semelhante à do sonho ou à da alucinação, tal qual em certos tipos de arte surrealista ou em filmes de terror.

Em suma, modalidade é um termo-conceito que se refere a recursos semióticos utilizados para expressar a forma em que as verdades são representadas e também com elas devem ser tomadas. Recursos de modalidade permitem que uma gama de distintos graus e tipos de modalidades possam ser expressos como verdades. A linguagem tem recursos de modalidade para expressar a verdade dos enunciados em termos de probabilidade, frequência, de saber, cuja valoração de verdade no enunciado pode e/ou deve ser subjetivo ou objetivo. Além disso, a semiótica social de Van Leeuwen trata de outras modalidades, utilizadas na comunicação, entre as quais podemos ter a naturalista, a abstrata, a tecnológica e a sensorial, conforme expomos.

As eleições presidenciais brasileiras: uma breve análise...

O primeiro texto que mobilizamos para a nossa análise foi publicado inicialmente no jornal *Folha de S. Paulo* e republicado no site do UOL em 12/05/2010 às 11h 54.

Aborto é questão de política de saúde pública, diz Dilma



(11)

Dilma participou de programa de TV no Rio Grande do Sul nesta segunda-feira. Para a presidenciável Dilma Rousseff, o aborto é uma "violência contra a mulher" e não uma "questão de foro íntimo", mas sim uma de "política de saúde pública". A ex-ministra da Casa Civil foi questionada sobre o tema na manhã desta quarta-feira (12), durante participação no programa Painel RBS, da emissora TVCOM, no Rio de Grande do Sul. "Nesses casos que incluem gravidez risco de vida ou violência não é possível que as mulheres das classes populares usem métodos medievais [para abortar]", disse a pré-candidata petista à Presidência da República. "Um governo não tem de ser contra ou a favor do aborto; ele tem de ser a favor de uma política pública".

No fragmento de texto acima é possível observar que o enunciado “aborto é questão de política de saúde pública” é destacado do contexto situacional e do contexto original e colocado como título da matéria. A opção por esse destaque da fala da locutora em detrimento de outras possíveis tais como “violência contra a mulher” e “questão de foro íntimo” inicialmente parece estar relacionada ao fato de que essa pequena frase possui um caráter de fórmula. Todavia, um exame um pouco mais minucioso das outras falas evidencia que todas poderiam ser enquadradas na categoria de fórmula. Acreditamos que tal destaque se dê em razão de o jornalista transformar a fala de Dilma numa enunciação aforizante, pois como diz Maingueneau

(2010a, p.14), o enunciador da aforização “assume o *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte Transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia *sua* verdade, que prescinde da negociação”. O jornalista, ao realizar o destaque, não está dialogando nem com o locutor da fala destacada e nem com o destinatário (leitor). Sua fala monologicamente construída se inscreve como a fala autorizada de um Sujeito Pleno de direito.

Se a aforização implica um locutor que se situa como Sujeito de pleno direito, reciprocamente um Sujeito se manifesta como tal por sua capacidade de aforizar. Trata-se fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e Sujeito no sentido *jurídico* e *moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e os princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. Na tradição filosófica, o Sujeito, o *sub-jectum*, é colocado abaixo, ele é o que não varia, o que escapa à relatividade dos contextos; Sujeito pleno, o aforizador pode responder por aquilo que diz através da pluralidade das situações de comunicação. Disso vem sua ligação estreita com a juridicidade: quando se quer condenar por suas afirmações, em geral o que se condena não é um texto – sempre relativo a um contexto –, mas uma aforização ou um conjunto de aforizações. (MAINGUENEAU, 2010a, p.15).

No momento em que o *site* do UOL insere monologicamente a aforização "aborto é questão de política de saúde pública", atribuída à candidata Dilma Rousseff, o leitor é interpelado a atribuir a esse enunciado formulaico um sentido que extrapola o seu sentido primeiro. A interpretação assume a equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: “O Estado não deve deixar que o indivíduo decida sobre realizar um aborto ou não”; “O aborto deve ser tratado pelo Estado”; “O Estado deve planejar ações para resolver o problema do aborto”; “Não se deve apoiar o aborto”, “O aborto não deve ser tratado como um problema religioso”, etc. As possíveis interpretações produzidas pelos leitores não são da mesma ordem e profundidade das que acompanham os textos literários, filosóficos, ou religiosos, por exemplo. No entanto, trata-se de uma verdadeira “atitude hermenêutica” que faz com os leitores mobilizem um conjunto de estratégias interpretativas. Ou seja, os leitores são mobilizados a interpretar o destaque, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pela enunciação aforizante. Desse modo, no entendimento de Maingueneau (2010a, p. 15),

[...] partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar esta pertinência. Pouco importa qual seja a interpretação que ele construa, o essencial é que ele postule um além do sentido imediato e aja de acordo. Fazendo isso, o destinatário é chamado a justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento: o fato de esse enunciado [“aborto é questão de política de

saúde pública"] ser apresentado em um regime aforizante leva o destinatário a legitimar a totalidade do quadro situacional.

No fragmento em análise, é possível observar junto da enunciação aforizante a presença de uma fotografia do rosto da locutora Dilma Rousseff. Sobre a relação entre fotografia e aforização, Maingueneau (2010a, p.16) nos diz o seguinte:

A presença muito frequente de fotos do rosto dos locutores ao lado das aforizações pessoais aparece como a manifestação de algo constitutivo. O rosto tem duas propriedades notáveis: 1) é a única parte do corpo considerada capaz de identificar o indivíduo como distinto de qualquer outro; 2) é, no imaginário profundo, a sede do pensamento e dos valores transcendentais. A foto autentica a aforização do locutor como sendo *sua* fala, aquela que faz dele um Sujeito plenamente responsável. Ela acompanha naturalmente, portanto, a aforização.

No caso em análise, a fotografia mostra que a locutora Dilma Rousseff está dentro de um carro acompanhada por Marco Aurélio Garcia, assessor especial da Presidência da República para assuntos internacionais. A matéria do jornalista faz, contudo, alusão ao fato de que a candidata deu entrevista a uma TV do Rio Grande do Sul, “Dilma participou de programa de TV no Rio Grande do Sul nesta segunda-feira”; era de se esperar, portanto, que a fotografia retratasse a entrevista. No entanto, como afirma Maingueneau (2010a, p. 16) “A foto do rosto também é, além disso, o produto de um destacamento, que elimina a exigência de todo contexto situacional (roupa, lugar, momento...)”. A fotografia do rosto da locutora Dilma Rousseff apaga a necessidade de uma referencialidade, corporal, temporal e espacial. Não é preciso mostrar a locutora em um estúdio de televisão para evidenciar que efetivamente ela tenha dito o que está no destaque e no cotexto original. Tanto a aforização quanto o destacamento do rosto, ao se apoiarem mutuamente, identificam o locutor com a pessoa do rosto, dando corpo à enunciação e produzindo um efeito de veracidade do que é dito. Ademais, a fotografia mostra que a locutora Dilma traz a fisionomia leve: sorriso nos lábios; olhos bem abertos e sobrancelhas levemente arqueadas, olhando alegremente para os seus espectadores/interlocutores. Tais “recursos semióticos” (Van Leeuwen, 2005) buscam mostrar, por um lado, um tom de ameno do locutor e, por outro, colocam esses espectadores/interlocutores numa relação de interação com o locutor. Essa trajetória do olhar, mesmo que em um plano imaginário, exige dos espectadores/interlocutores que estes últimos estabeleçam um contato afetivo com o primeiro. Acrescente-se a isso o fato de que a fotografia ao mostrar uma pessoa sorrindo francamente para os seus espectadores/interlocutores, evidencia que se trata do locutor em sua essência, dirigindo-se de maneira amena, mas sincera, franca aos seus

espectadores/interlocutores. Com efeito, ao defender então que o “aborto é questão de política de saúde pública”, na conjunção com os recursos semióticos mobilizados, constrói-se uma representação da verdade que a locutora o está fazendo de maneira sincera.

Tomemos mais um excerto de matéria publicada no site do UOL em 13 de setembro de 2010 às 14h57, de autoria de Camila Campanerut.

Serra satiriza argumento de Dilma "de que não era candidata em 2009"



(12)

O candidato à Presidência da República, José Serra (PSDB), disse segunda-feira (13) que o argumento de sua principal concorrente na disputa eleitoral, a ex-ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff (PT) de que o vazamento de dados sigilosos da Receita Federal de aliados dele não tem ligação com as eleições é “hilariante”. “É muito importante saber que está ligado a uma questão político-eleitoral. A idéia de que ela não era candidata é hilariante. A Dilma já, desde meados de 2008 começou a campanha ao lado do presidente da República, inclusive quem tocava a Casa Civil na prática era a atual ministra da Casa Civil. Isso até as paredes, o gramado da Esplanada, as lâmpadas da OAB, todo mundo sabe disso”, afirmou após participação de debate na sede do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Logo após receber a notícia do vazamento de dados da filha de Serra, a empresária Verônica Serra e de seu genro Alexandre Bourgeois, Dilma alegou que não era candidata e, que por isso os vazamentos de dados fiscais de pessoas ligadas a Serra não tinha viés eleitoral. "Em abril de 2009 não existia eleição, nem para mim, nem para o meu adversário, nem para a outra concorrente, a Marina. Nenhum de nós era candidato, era algo bastante longe. Então tem de apurar direitinho o que está acontecendo dentro da Receita. Em setembro, eu não era candidata, não era pré-candidata, não tinha pré-candidatura nem candidatura", afirmou a petista, no último dia 5 em entrevista coletiva.

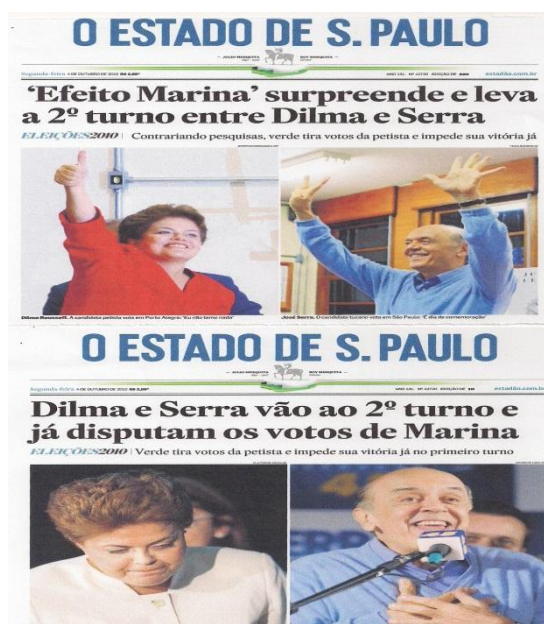
No fragmento acima o locutor José Serra diz: “É muito importante saber que está ligado a uma questão político-eleitoral. A ideia de que ela não era

candidata é hilariante. A Dilma já, desde meados de 2008 começou a campanha ao lado do presidente da República, inclusive quem tocava a Casa Civil na prática era a atual ministra da Casa Civil. Isso até as paredes, o gramado da Esplanada, as lâmpadas da OAB, todo mundo sabe disso”. Todavia, o jornalista constrói o título da matéria introduzindo o enunciado “Serra satiriza o argumento de Dilma” e destacando do cotexto original a pequena frase “de que não era candidata”, todo o restante da fala do locutor é totalmente opacificada. Além disso, no cotexto original, embora tenha qualificado de hilariante “a idéia de que não era candidata”, não fica tão evidente que o locutor José Serra tenha satirizado o argumento de Dilma Rousseff. Com efeito, quando o *site* do UOL reconstrói a fala atribuída ao candidato José Serra, o leitor é interpelado a atribuir a esse enunciado um sentido que extrapola o seu sentido primeiro. A interpretação assume a equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: “O argumento de Dilma não deve ser entendido como verdadeiro”; “Dilma deve falar a verdade sobre a quebra de sigilo na Receita Federal”; “Não se deve apoiar quem falta com verdade”, etc. Trata-se, tal qual no exemplo anterior, de uma verdadeira “atitude hermenêutica” que faz com que os leitores mobilizem um conjunto de estratégias interpretativas. Ou seja, os leitores são mobilizados a interpretar o destaque, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pela enunciação aforizante, independentemente das falas dos locutores.

Junto ao fragmento em análise é possível constatar uma fotografia do locutor José Serra, evidenciando a sua participação em debate na sede do Conselho Federal da OAB em Brasília. Nessa fotografia, pode-se observar que José Serra está acompanhado por mais duas personagens ao seu lado e mais duas às suas costas. É possível perceber também uma outra imagem, supostamente de uma pessoa, que está á frente de Serra e ao fundo no alto em letras garrafais está escrito a palavra Conselho. Observa-se ainda que Serra está com a boca aberta, os olhos arregalados e com as mãos bem abertas, como se ele estivesse aconselhando os seus espectadores/interlocutores. Esses “recursos semióticos” (Van Leeuwen, 2005) por um lado, estabelecem uma relação de interação entre o locutor José Serra e os seus espectadores/interlocutores e, por outro, mostram que o locutor está em movimento. Trata-se de uma relação interativa em que o locutor atento ao que está acontecendo na política brasileira está aconselhando/entregando aos seus espectadores/interlocutores algo de suma importância, sobretudo para estes últimos. É como se ele estivesse fazendo uma denúncia em relação às atitudes da sua oponente. Nesse caso, o contexto (Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil) em que a foto foi tirada é bastante significativo, pois esta instituição tem como um de seus objetivos precípuos zelar pelo bom funcionamento da justiça brasileira.

Esta fotografia, além de dar credibilidade ao que foi enunciado pelo jornalista, ou seja, que a fala do locutor Serra é efetivamente dele, dando corpo à enunciação, sustenta o caminho interpretativo dado por este jornalista ao leitor.

Tomemos agora mais dois textos. Trata-se das primeiras páginas do jornal O Estado de S. Paulo e referem-se à edição de 04 de outubro de 2010.



(13) Capas do Estadão – Edição de 04/10/2010

As capas apresentadas são do jornal O Estado de S. Paulo, publicadas e postas a circular na edição de 4 de outubro de 2010. A primeira manchete, de cima para baixo, foi publicada às 22 horas, do dia 3/10; a segunda manchete, na mesma ordem de olhar, foi publicada a 01:00 hora, do dia 4/10. Ambas tratam do mesmo acontecimento histórico: o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras. O título da primeira capa “Efeito Marina’ surpreende e leva a 2º turno entre Dilma e Serra”. Subtítulo: Abarcado numa seção *Eleições 2010*, traz o seguinte enunciado “Contrariando pesquisas, verde tira votos da petista e impede sua vitória já”. Já na segunda capa, os seguintes dizeres: Título: “Dilma e Serra vão ao 2º turno e já disputam os votos de Marina”. Subtítulo: Abarcado numa seção *Eleições 2010*, “Verde tira votos da petista e impede vitória já no primeiro turno”.

Na primeira manchete, Dilma e Serra aparecem em fotografias, tiradas provavelmente quando estes compareceram às suas seções de votação, mostrando-os em recursos semióticos de *vibração*, *contentamento*,

confiança, o que seria uma situação aparentemente normal para quem obteve êxito na disputa eleitoral. Todavia, o enunciado principal, ou título da matéria, “‘Efeito Marina’ surpreende e leva a 2º turno entre Dilma e Serra” engendra um percurso negativo em relação à Dilma, ainda que as imagens os coloquem em igualdade. Isso porque, o sintagma nominal “Efeito Marina” traz à memória acontecimentos que no geral aparecem marcadamente com significações negativas. Do interdiscurso, pode-se recuperar algumas fórmulas com valor disfórico: “Efeito altitude”; “Efeito cascata”; “Efeito estufa”; “Efeitos da crise”, etc.

Esse sintagma coaduna seus sentidos ao mobilizar sintaticamente os verbos “surpreender” e “levar”, pois aqui a frase ‘Efeito Marina surpreende’, toma inesperadamente um protagonismo na eleição e leva, ela, Marina e seu efeito de votação, e não os eleitores, não Serra, não as propostas governamentais, ao segundo turno entre Dilma e Serra. A candidata petista foi surpreendida negativamente, uma vez que segundo as pesquisas de intenção de votos, se encontrava bastante à frente de Serra, seu principal adversário e segundo nas pesquisas eleitorais. Serra, por sua vez, uma espécie de “azarão” é surpreendido positivamente, contando com ajuda de um terceiro, a candidata Marina Silva. A disposição dos nomes Dilma e Serra, corroborada pela diagramação da foto, propõe um percurso de orientação de sentido para mostrar a surpreendente “invertida” sofrida por Dilma e a surpreendente “sobrevida” de Serra nas eleições a partir do efeito de outro candidato. Esse percurso de orientação valorativa-significativa mantém-se no enunciado do subtítulo: “Contrariando pesquisas, verde tira votos da petista e impede sua vitória já.

Na segunda manchete, Dilma e Serra aparecem em fotografias completamente opostas. Os recursos semióticos não os mostram mais em semelhantes sentimentos, mas sim Dilma em resignação, cabisbaixa, com um ar de lamentação e Serra vibrante, feliz, inflado com o acontecido, com as mãos no coração, órgão historicamente ligado às emoções de vibração, contentamento, confiança, o que já não seria uma situação aparentemente normal, pois para Dilma o resultado foi devastador e para Serra foi extremamente positivo, ou seja, a repercussão do resultado destoa da informação, direcionando o olhar do leitor para uma resignação de Dilma. Entretanto, esse efeito de sentido é exaltado muito mais pelo visual do que pelo verbal, pois, ao contrário da primeira manchete, nessa temos: o enunciado do título: “Dilma e Serra vão ao 2º turno e já disputam os votos de Marina”. Neste título, já não é mais certo o protagonismo semântico da figura de Marina, os nomes Dilma e Serra é que são modalizados o mais referencialmente possível. O verbo “ir” indica o movimento apenas de passagem ao segundo turno; a estruturação da segunda oração iniciada com o advérbio “já” demonstra que o resultado não foi tão surpreendente assim,

fazendo, portanto, os candidatos comporem suas alianças e buscarem os votos naturalmente. Porém, no enunciado do subtítulo: “Verde tira votos da petista e impede sua vitória já no primeiro turno”, nota-se que os valores semânticos indiciam um discurso que ratifica o da foto, Dilma “derrotada” e Serra “eufórico”, além de tentar trazer à tona uma outra orientação de sentido negativa à Dilma, pois: diz do partido, um nome sem um sujeito específico, representante de um grupo, um porta-voz, que no caso poderia ser preenchido por “verdosa”, “verdejante”, “candidata do partido verde”, “Marina”, mas não o é; ao passo que, ao se referir a Dilma, o enunciador a expõe marcadamente nominada, numa referência forte “A petista”. Não qualquer petista, mas a da foto, que recuperamos, então, no interdiscurso e no aspecto visual o sujeito/ator político Dilma e não um partido sem sujeito específico. Ou seja, a candidata do partido Verde era Marina, lida em ambas as capas do *Estadão* como responsável pela queda de Dilma e o conseqüente segundo turno com Serra. No entanto, na primeira capa, essa leitura se dá muito mais no enunciado verbal do título que no visual e, na segunda capa, se dá muito mais pela coadunação do multissemiótico, alimentado pelo subtítulo, mas sempre atribuindo peso negativo à Dilma por ter ido inesperadamente ao segundo turno. Com efeito, por meio dos recursos semióticos empregados, constrói-se uma modalidade naturalista que na junção com uma modalidade sensorial, representa-se a verdade de que Dilma perdera as eleições presidenciais no primeiro turno.

Considerações finais

Nosso objetivo no presente texto foi o de tentar compreender como se deu o processo de destextualização de pequenos enunciados e de fotografias atribuídas aos principais candidatos a Presidente da República do Brasil, nas eleições de 2010, Dilma Rousseff e José Serra, em diversos suportes midiáticos. Nesse sentido, à luz, sobretudo, das categorias de aforização e de recurso semiótico, foi possível constatar que os destaques efetuados pelos suportes midiáticos, colocando os locutores como aforizadores, isto é, um sujeito autorizado, pleno de direito, cuja “verdade” veiculada prescinde de diálogo (quer seja com o locutor do texto destacado, quer seja com o próprio destinatário do texto), em contato com uma Fonte Transcendente não apenas insta o leitor a realizar uma interpretação, mas propõe para este leitor um percurso interpretativo que significa Dilma disforicamente e Serra euforicamente. Aspectos que são corroborados pelos recursos semióticos mobilizados (cores, percursos do olhar, relações estabelecidas, etc) nas fotografias em análise.

Ademais, no momento em que os suportes midiáticos dão a circular imagens disfóricas da candidata Dilma, sobretudo, a segunda capa do

Estadão, o (e)leitor é interpelado a atribuir a essas imagens um sentido que extrapola o seu sentido primeiro. A interpretação assume a equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: “Um país como o Brasil não deve ser governado por uma mulher que se deixa abater pela sua não-vitória no primeiro turno das eleições”. As possíveis interpretações produzidas pelos (e)leitores não são da mesma ordem e profundidade das que acompanham os textos literários, filosóficos, ou religiosos, por exemplo. No entanto, trata-se de uma verdadeira “atitude hermenêutica” que faz com os leitores mobilizem um conjunto de saberes interdiscursivos, partilhados pela instituição midiática e os (e)leitores. Ou seja, os (e)leitores são mobilizados a partir de determinado posicionamento discursivo da instituição jornalística a interpretar a fotografia, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pelos recursos semióticos mobilizados pelo jornal.

As breves análises empreendidas mostram por um lado que o cruzamento epistemológico entre a Análise de Discurso de base enunciativa e a Semiótica Social mostrou-se bastante produtivo, visto que por meio do diálogo entre essas duas teorias foi possível evidenciar que se a aforização produz uma verdade que se pretende inquestionável, a modalidade visual, a partir de determinados recursos semióticos, também coloca em relevo uma verdade que aspira à isenção de questionamento e, por outro, que atualmente os suportes midiáticos têm um papel de protagonistas na definição dos debates que circulam nos espaços públicos. São esses suportes que efetivamente modelam, definem a pauta do que pode e deve circular enquanto já-dito, dito ou o que ainda vai ser dito, numa determinada sociedade. Por meio do estudo da aforização e dos recursos semióticos mobilizados nas fotografias, é possível “apreender as práticas dos atores políticos e sociais por meio das diferentes formas de cristalização que seus discursos modelam e põem em circulação” (KRIEG-PLANQUE, A. 2011, p. 2), o que implica compreender a mídia não apenas na sua dimensão interindividual, mas, sobretudo, na sua dimensão institucional e organizacional.

Notas

¹ Agradecemos vivamente ao Prof. Dr. Teun A. van Dijk pelas suas pertinentes e relevantes sugestões epistemológicas ao nosso texto. Os problemas que por porventura permanecem são de nossa inteira (i)responsabilidade. Este artigo faz parte das reflexões que realizamos em 2012 no nosso Estágio de Pós-Doutoramento, realizado na PUC-SP, sob a supervisão da Profa. Dra. Beth Brait.

² Para o epistemólogo Imre Lakatos (1979) um programa de pesquisa constitui-se de um núcleo firme - um conjunto de hipóteses ou teorias, considerado como irrefutável pelos cientistas - e de uma heurística, que mobiliza os cientistas a modificar o cinturão protetor -

conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais de modo a adequar o programa diante de novos dados.

³ No caso francês representam essa tendência os trabalhos de Dominique Maingueneau (sobretudo, os que têm “as frases sem texto” como objeto de estudo); Sophie Moirand; Simone Bonafous; Alice Krieg-Planque. No caso brasileiro, as reflexões de Sírio Possenti e os integrantes do Centro de Estudos Fórmulas Estereótipos, Teoria e Análise – FEStA da UNICAMP.

⁴ No original em inglês « Shame on you, Barack Obama ».

⁵ No original em italiano (E giovane, bello, e ancheabbronzato »).

⁶ Introdução a semiótica social, em tradução livre de nossa parte.

⁷ Em consonância com Van Leeuwen, práticas sociais são ações que as pessoas fazem para si ou para outros, na medida em que eles seguem padrões reconhecíveis. Os principais elementos de práticas sociais são as ações que as constituem, a maneira pelas quais estas ações são executadas, os atores sociais que participam das ações, os recursos necessários para a exequibilidade das ações e os horários e locais das ações. Quando as ações são representadas, linguisticamente ou de outra forma, elas são mediadas por um discurso que desenvolve as transformações. As práticas sociais ainda podem ser divididas em práticas comunicativas, que são as práticas que incluem a representação de outras práticas e as práticas que não fazem isso.

⁸ Tradução livre de nossa parte.

⁹ Tradução livre de nossa parte.

¹⁰ Em tradução livre de nossa parte: “Ela pode usar outro nome (modalidade baixa [uma vez que o *may* direciona uma competência possível de ação])”; “Ela vai usar outro nome (modalidade média[porque ela irá, futuramente, utilizar outro nome, isto é, *will* trata-se de uma modalização condicionante futura])”; “Ela tem de/deve usar outro nome”(modalidade alta[haja vista que o verbo modal *must* implica em uma obrigação impositiva a ser cumprida pela interlocução desta sentença])

Bibliografia

- Authier-Revuz, Jacqueline (2004).** *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.* Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Argemüller, J. (2007),** L’analyse du discours en Europe. In : BONNAFOUS, S. & TEMMAR, M. **Analyse du discours et sciences humaines et sociales.** Editions Ophrys. Paris, Fr.
- Baronas, R. L. (2012a – no prelo para publicação).** *Da panaforização à metaforização : o caso de uma pequena frase sem eira nem beira textual.* IN : Revista da Abralín,
- Baronas, R. L (2012b – no prelo para publicação).** *Enunciação aforizante : um estudo discursivo de pequenas frases da imprensa cotidiana brasileira.* São Carlos, SP : EDUFSCar.
- Bakhtin, M. (1984)** *Esthétique de la création verbale.* Paris: Gallimard.
- Bonhomme, Marc. (2008)** « *La syntaxe publicitaire : entre sciences du langage et sciences de la communication* », dans Marcel BURGER (dir.), *L’analyse linguistique des discours médiatiques : entre*

sciences du langage et sciences de la communication, Québec, Université de Laval, Editions Nota Bene.

- Bonnafous, & Temmar, M. (dir.) (2007).** Analyse du discours sciences humaines et sociales, Paris, Ophrys, coll. Lescheminsdudiscours.
- Courtine, J-J. (1999a).** O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. L. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre, RS: Editora Sagra Luzzato.
- Courtine, J-J. (1999b).** O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 6.
- Fairclough, N.; Wodak, R. (1997).** Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. (ed.). Discourse as social interaction. Londres: Sage, p. 258-84.
- Fowler, R. (1991).** Language in the news: discourse and ideology in the press. Great Britain: Routledge.
- Guilhaumou, J. (2009).** Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Granconato, E. (2012).** Político de Santo André é preso por crime de racismo contra GCM, publicado em 05/04 no Diário do Grande ABC.
- Grunig, Blanche-Noëlle. (1990).** Les mots de la publicité: l'architecture du slogan, Paris, Editions du CNRS.
- Halliday, M. A. K. (1985).** An introduction to functional Grammar. Londres: Edward Arnold.
- Helsloot, N. et Hak Tony.(2000).** La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours, Langage et société, 1 n.91.
- Hube, Nicolas (2009).** Décrocher la « Une ». *Le choix des titres de première Page de la presse quotidienne en France et en Allemagne (1945-2005)*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, coll. Sociologie politique européenne. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et le politique » (Lausanne/2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli, 2008.
- Jeanneret, Yves et Cécile Tardy (dir.) (2007).** L'écriture des médias informatisés. Espaces de pratiques, Paris, Hermès Science Publications.
- Kalifa, Dominique, Philippe Regnier, Marie-Eve Therenty et Alain Vaillant (dir.) (2010).** La Civilisation du Journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle, Paris, Nouveau-Monde Editions.

- Kress, G & Van Leeuwen, T. (1996).** Reading images: the grammar of visual design. Londres; Nova York: Routledge.
- Kress, G & Van Leeuwen, T. (2006).** The discourse reader, London, Routledge.
- Krieg, A. (1999).** *Vacance argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême droite contemporaine.* Mots. Les langages du politique, n 58, p.11-34.
- Krieg-Planque, A. (2003).** «Purification ethnique ». Une formule et son histoire. Paris : CNRS Éditions, 2003. Collection Communication.
- Krieg-Planque, A. (2008).** « La notion d' "observable en discours ". Jusqu'où aller avec les sciences du langage dans l'étude des pratiques d'écriture journalistique? », dans Marcel BURGER (dir.), L'analyse linguistique des discours médiatiques. Entre sciences du langage et sciences de la communication, Québec, Université de Laval, Editions Nota Bene.
- Krieg-Planque, A. (2009).** Entrevista com Alice Krieg-Planque (Céditec, Université Paris XII) por Philippe Schepens, traduzida por Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti, Linguagem, 6ª. edição. www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista.php
- Krieg-Planque, A. (2010a).** A noção de “fórmula” em análise do discurso – quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola.
- Krieg-Planque, A. (2010b).** « Un lieu discursif: “ Nous ne pourrions pas dire que nous ne savions pas ”. Etude d'une mise en discours de la morale », Mots. Les langages du politique, Lyon, ENS Editions, n° 92.
- Krieg-Planque, A. (2011a).** *Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados.* Tradução de Luciana Salazar Salgado. In: Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguagem n° 16, São Carlos, SP: www.lettras.ufscar.br/linguasagem.
- Krieg-Planque, A. (2011b).** *Trabalhar os discursos na pluridisciplinaridade: exemplos de uma « maneira de fazer » em análise do discurso* dans Simone BONNAFOUS et Malika TEMMAR (dir.), *Analyse du discours et sciences humaines et sociales*, Paris, Ophrys, coll. *Les chemins du discours* ; p. 57-71. Tradução brasileira. BARONAS, R. L. & MIOTELLO, V. *Análise de Discurso: teorizações e métodos.* São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

- Krieg-Planque, A. (2012).** *La formule “développement durable” : un’opérateur de neutralisation de la conflictualité », Langage & Société, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l’Homme. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds). Tradução brasileira Roberto Leiser Baronas (et al). “A fórmula desenvolvimento sustentável: um operador de neutralização de conflitos”. In: Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguagem nº 19, São Carlos, SP: www.lettras.ufscar.br/linguasagem.*
- Maingueneau, D. (2005).** *Gênese dos discursos.* Trad. de Sírio Possenti. Curitiba, PR : Criar Edições.
- Maingueneau, D. (2006a).** "Les énoncés *détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation*". In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). *Interdiscours et intertextualité dans les médias.* Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006a.
- Maingueneau, D. (2006b).** «*De la surassertion à l'aphorisation* », dans Juan Manuel LOPEZ-MUNOZ, Sophie MARNETTE et Laurence ROSIER (dir.), *Dans la jungle des discours : genres de discours et discours rapporté*, Actes du colloque Ci-Dit 2004, Presses de l’Université de Cadix, Cadix.
- Maingueneau, D. (2007).** *Citação e destacabilidade.* In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação.* Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições.
- Maingueneau, D. (2010a).** *Aforização: enunciados sem texto?* In: MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso.* Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2010b – no prelo para publicação).** *Aphorisations politiques, médias et circulation des énoncés.*
- Maingueneau, D. (2011).** *A aforização proverbial e o feminino.* IN : MOTTA, A. R. & SALGADO, L. S. *Fórmulas discursivas.* São Paulo, Contexto.
- Maingueneau, D. (2012).** *Les phrases sans texte.* Armand Colin. Paris, Fr.
- Marandin, J-M. (1994).** *Sintaxe, discurso : do ponto de vista da análise do discurso.* In : ORLANDI, E. *Gestos de leitura : da história ao discurso.* Campinas, SP : Editora da UNICAMP.
- Moirand, S. (2007).** *Les discours de la presse quotidienne : observer, analyser, comprendre.* Presses Universitaires de France – PUF – Paris, Fr.
- Motta, A. R. (2009).** *Heterogeneidade e aforização : uma análise do discurso dos Racionais MCs.* Campinas. Tese (Doutorado em

Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Motta, A. R. & Salgado, L. S. (2011). Fórmulas discursivas. São Paulo, Contexto.

Oger, Claire et Caroline Ollivier-Yanin, (2006). « *Conjurer le désordre discursif. Les procédés de “ lissage ” dans la fabrication du discours institutionnel* », Mots. Les langages du politique, Lyon, ENS Editions, n°81.

Ollivier-Yaniv, Caroline (2003). « *La fabrique du discours politique: les “ écrivants ” des prises de parole publiques ministérielles* », dans Simone BONNAFOUS, Pierre CHIRON, Dominique DUCARD, Carlos LEVY (dir.), Discours et rhétorique politique. Actes Du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et Le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, JérômeJacquin, Raphaël Micheli (éds) Antiquitégrecque et latine, Révolution française, monde contemporain, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, coll. Res Publica.

Ollivier-Yaniv, Caroline (2008). La communication comme outil de gouvernement: définition et enjeux de la politique du discours, mémoire pour l’habilitation à diriger des recherches (HDR) en Sciences de l’information et de la communication, Université Paris 12 - Val-de-Marne.

Pêcheux, M. (1983). Ueber die Rolle des Gedächtnisses als interdiskursives Material, Das Argument Sonderband 95.

Richardson, J. E. (2007). *Analysing newspapers. An approach from critical discourse analysis.* New York: Palgrave Macmillan.

Van Leeuwen, T. (2005). *Introducing social semiotics.* Londres; Nova York: Routledge.

Van Leeuwen, T. (2008). *Discourse and practice. New tools for critical discourse analysis.* Oxford New York: Oxford University Press.

Nota biográfica



Roberto Leiser Baronas possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT - Campus Universitário do Araguaia em Pontal do Araguaia - MT (1994), e doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara (2003), sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/Capes fez doutorado sanduíche na Université de Paris XII - Creteil - França, no Centro de Estudos do Discurso, da Imagem, do Texto e da Comunicação Política - CÉDITEC - sob a direção de Simone Bonnafous (2003). No ano acadêmico de 2012/2013, realizou Estágio de Pós-Doutoramento com bolsa PDS do CNPq, junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, sob a supervisão da Profa. Dra. Beth Brait

E-mail: baronas@ufscar.br